

O ESTRADO

JOÃO DUTRA VILA RICA

Giovani Bertu

Curso de Engenharia Mecânica — Escola
de Engenharia

Como é que pudera esquecer aquele estrado? Não sabia, mas esquecera. Talvez fosse porque estivesse em um canto do quintal, junto com algumas tábuas, caixotes, e coisas velhas e usadas nas quais ninguém prestava mais atenção. Era um estrado de cama, e ainda estava em bom estado. Mas infelizmente só agora o descobrira. Podia deixá-lo ali, simplesmente, ignorando sua presença, confundindo-o com as tábuas e os caixotes. Mas seria uma lástima. Um estrado ainda novo! E bem que seria útil, se os parentes chegassem em maior número do que era possível amontoar nas camas e nos sofás da sala. No dia da mudança organizara tudo. Todos os objetos foram colocados em caixas, amarrados e empacotados.

Mudança é sempre assim: é fácil tirar tudo, juntar em montes, colocar em uma caixa e carregar para o caminhão. Mas triste mesmo é no momento de arrumar tudo na casa nova: montes de livros se empilham pelo chão e roupas por sobre as cadeiras. Vidros, pacotes, revistas e uma infinidade de objetos se espalha por toda a casa, atrapalhando a passagem, impedindo que a gente se movimente. É então que não se consegue encontrar nada para se colocar nos devidos lugares. Onde estão meus sapatos? E meu radinho de pilha? Não encontro o secador! Junte-se a isto a algazarra da criançada que encontra naquele movimento e naquela agitação um grande encantamento, e corre por toda a casa seguida

pelo cachorro que late ruidosamente, e tem-se então um quadro típico do que é uma mudança normal organizada.

Organizada! Ele dissera. Nossa mudança será organizada. Nem ao menos um alfinete será perdido! Arranjou então várias caixas e colocou em cada uma delas as panelas, os pratos, as toalhas, os lençóis, os sapatos, etc., e anotou em qual caixa se encontrava cada objeto. Organização, minha filha, organização! E supervisionava o serviço de todos. A mulher e os filhos ocupadíssimos no trabalho, enquanto ele corria de um lado para outro muito preocupado com o sucesso do empreendimento.

No momento de sair, o caminhão carregado de caixas, caixas e mais caixas, voltou uma última vez para uma busca geral. Vasculhou os quartos, sala, cozinha; olhou no quintal e até na casa do cachorro. Nem ao menos uma tampinha de coca-cola! Voltou satisfeito: pode tocar! E o caminhão velho, quase desmontando sob tanto peso, partiu lentamente, deixando para trás os gritos da molecada que se divertia com a cena.

Pela manhã bem cedo voltou à velha casa para uma última olhada. Casa fiel! Nunca causara problema. Tivera que subir ao telhado para acabar com as goteiras apenas quinze vezes; os canos se entupiram somente umas trinta vezes; e tivera alguns probleminhas com a instalação elétrica, com as fechaduras, a madeira podre das janelas e o encanamento do banheiro. Pouca coisa para um período de um ano.

Mas nessa sua visita de despedida avistou o estrado ali no canto, e agora não sabia o que fazer. O jeito é chamar novamente o caminhão, pensou. Procurou então, o motorista. Este disse em quanto ficaria o serviço: é tanto! Mas é um absurdo! É apenas um estrado, leve, só leva um minuto para colocar na carroceria! Mas o motorista não cedeu. O senhor sabe como é! O percurso é o mesmo de ontem, muito movimento, e a gasolina anda muito cara! E foi irredutível. Então é assim? Pois que se dane! Arranjo outro que faça o serviço mais barato! Não arranjou. Apelou então para um táxi. O motorista do táxi achou que era piada. Um estrado de cama? Tá brincando? Acha que meu carro é caminhão de carga? Se ainda fosse galinha ou saco de batata, vá lá! Mas, estrado? Essa não!

Voltou para a velha casa e contemplou a causa de seu martírio: não sei porque tive que voltar aqui e encontrá-lo! Antes tivesse saído com a mulher e os meninos para fazer compras! Ficou andando de um lado para outro tentando encontrar uma solução. Podia levar no ônibus! Não. Certamente não permitiriam, alegando que isto seria contra os bons costumes. E se desmontasse tudo e levasse algumas partes de cada vez? Não, muito trabalhoso e sem garantia de que ficaria perfeito depois de montado! Podia chamar um helicóptero! Apelou: eu mesmo levo! Pegou o estrado e pôs o pé na estrada. Afinal de contas, não era tão longe que ele não pudesse levar a pé: só uns doze quarteirões pelo centro da cidade...

Na rua, começou a atrair a atenção dos que passavam. Afinal, não é todo dia que se vê alguém carregando um estrado daquele tamanho pelas ruas mais movimentadas da cidade!

Logo na primeira esquina esbarrou com um senhor que esperava o ônibus. Por que não olha por onde anda com essa coisa? Desculpe! Mais à frente esbarrou em um estudante. Desculpe! No meio do quarteirão foi a vez de um homem. Desculpe! E uma senhora. Desculpe! E um menino. E um soldado. E um casal. Desculpe! Desculpe! Desculpe! Desculpe!

Suas mãos e suas costas doíam quando conseguiu finalmente vencer o primeiro quarteirão. Faltavam só onze! Mas a rua, que antes parecia plana, era agora uma longa subida. Seguiu em frente. Ao atravessar uma avenida, o sinal abriu de repente, dando passagem aos carros, e suas buzinas foram como chicotadas que o fizeram apressar-se com sua carga. Quando alcançou o outro lado parecia que andara vários quarteirões.

Não havia percorrido nem metade da distância e quase já não se agüentava mais de pé. Parecia que o estrado multiplicava seu peso durante o percurso. Já não via com clareza o que se passava à sua volta, mas não parava. Quanto antes chegar, melhor, pensava. Mais à frente pisou em um buraco e caiu. Levantou-se com dificuldade, colocou o estrado nas costas e seguiu cambaleante seu caminho. Logo adiante caiu novamente. Um inspetor apitou, e para ele foi como outra chicotada. Pensou que iriam prendê-lo. Quem sabe era proibido transportar estrado de cama

pelas ruas? Levantou-se mais uma vez e prosseguiu. Várias pessoas já o acompanhavam à distância. Quem é esse sujeito? O que está fazendo? Está carregando um estrado. O que? Estrado? Carregando estrado? Deve ser algum maluco! Já caiu duas vezes. Talvez seja promessa! Quem fez promessa? Aquele sujeito fez promessa, e está carregando um estrado pela cidade!

Suava por todos os poros, mas seguiu em frente. Em um cruzamento perigoso quase ficou para sempre no asfalto. E a multidão de curiosos que o seguia aumentava a cada passo. Todos queriam ver o homem que carregava um estrado como promessa.

Sentia sede, muita sede! Mas não queria parar para nada. Não podia parar! Na esquina, o sinal fechou. Distinguiu confusamente um homem sair de um bar com um copo na mão e lhe oferecer. Levou o copo aos lábios e cuspiu: era cachaça!

Continuou sua vacilante jornada. Não sabia quanto já andara, e mesmo que não houvesse aquela quantidade de pessoas à sua volta, não perceberia com clareza onde se achava. Aliás, já nem percebia que caminhava cercado de curiosos.

Dessa vez não havia nenhum buraco no chão, mas ele tropeçou mais uma vez e caiu. Alguém estendeu o braço e o ajudou a levantar-se e a colocar o estrado sobre os ombros. Uma senhora deu-lhe um lenço: enxugue o sangue do rosto, meu filho! Pegou o lenço e passou-o pelo rosto. Aumentou sua confusão mental, pois pensou ter nas mãos um espelho.

Sentia que se caísse novamente não se levantaria mais, mas só sabia que devia seguir, subir, seguir. Viu por acaso a placa de uma casa: rua Calvo Vigário, 33. Chegara. Abriu o portão e entrou ofegante. Jogou o estrado ali mesmo no chão. A multidão se acotovelava nos muros para olhar. Quase morrendo de cansaço, deitou-se ali mesmo, de braços estendidos sobre o estrado, contemplando um sol muito claro e brilhante. Que não ficou claro e brilhante por muito tempo, pois nuvens escuras o cobriram e começou a trovejar. A multidão se dispersou quando grossos pingos começaram a cair. Mas ele nem ligou. Morto de cansaço, ficou ali mesmo sobre o estrado, muito quieto. . .